AORN NOVA

ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

BOLETIM INFORMATIVO

ANO II • Nº 3 • PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL • JANEIRO/MARÇO 1997

"... mas não estava em causa a avaliação da ordem unida,..."

Um privilégio para 3000 membros da AORN

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve**;
- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata**:

  Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)
  Forte de S. João (Albufeira)
  Hotel Sol e Mar (Albufeira)
  Hotel Suiço-Atlântico (Lisboa)
  Aparthotel Auramar (Albufeira)
  Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)
  Hotel Mar à vista (Albufeira)
  Hotel Dom Fernando (Évora)
  Oleandro Country Club (Albufeira)
  Hotel São João (Funchal)
  Residencial Vila Recife (Albufeira)

- Usufruir das vantagens de um protocolo para a formação, a concluir com o IPFEL, Instituto de Línguas e Informática, com centros de formação distribuídos por vários pontos do país, com o objectivo de oferecer aos sócios descontos de 20% (mais 10% no caso de pronto pagamento), na frequência de qualquer dos cursos ministrados por aquele instituto.

  Adicionalmente e para cursos específicos de línguas e informática, não programados pelo Instituto, os sócios e familiares poderão contactar o IPFEL, para a possibilidade de aulas individuais ou workshop, **com as mesmas vantagens**;
- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;
- Vai ser assinado um protocolo com uma empresa de formação, na área da náutica de recreio, que permitirá à AORN promover cursos com vista à preparação para os exames nas diversas categorias de desportista náutico, nomeadamente, marinheiro, patrão de vela e motor e patrão de costa. Os cursos destinam- -se aos Associados e seus familiares e decorrerão nas instalações da AORN. Os interessados deverão enviar a sua inscrição para a sede da Associação.

"Dupla é a honra, abalador de continentes, pela qual os homens te rendem homenagens! a de domador de cavalos e de salvador de seus navios. Salve Poseidon, deus da negra cabeleira. Que os que estão no mar experimentem tua benevolência e teu socorro."

Editorial

AORN ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS DA RESERVA NAVAL
BOLETIM INFORMATIVO

Publicação Trimestral da Associação dos Oficiais da Reserva Naval
Nº 3 • Ano II
Janeiro/Março de 1997

Administração e Redacção
Fábrica Nacional da Cordoaria
Rua da Junqueira
1300 Lisboa
Telefs.: 362 68 40 / 362 68 39 (Fax)

Design gráfico, maquetização, paginação, fotocomposição, fotolito e montagem
M. LEMA SANTOS
Publicidade e artes gráficas, lda.
Pct.º Alexandre Herculano, lt 4 - C/Esq.
Massamá - 2745 Queluz
Telefs.: 439 00 34 / 437 70 53 (Fax)

Tiragem
3000 exemplares

"... mas não estava em causa a avaliação da ordem unida,..."

"... não queria deixar de, em nome da Escola Naval, vos dar formalmente as boas-vindas a esta vossa casa, cujas raízes centenárias nunca é demais lembrar..."

"... E digo vossa casa, porque foi efectivamente aqui que a grande maioria de vós recebeu a formação militar-naval básica e uma parte da formação técnico-naval necessárias ao desempenho das funções que lhes foram cometidas ao longo do período em que, servindo a Marinha, serviram o País..."

"... Julgo que a Marinha, de uma forma geral, sempre teve a consciência do valor do vosso contributo para a sua missão. A bordo ou em terra, em Portugal continental ou insular ou no ex-Ultramar, nos organismos técnicos ou nos fuzileiros, no Estado-Maior ou nos gabinetes dos vários comandos, direcções e chefias da Armada, cerca de 3000 oficiais da Reserva Naval dedicaram uma parte da sua vida à nossa briosa corporação, pondo generosamente ao seu serviço as capacidades que cada um tinha em função da sua área e nível de formação académica..."

"... A Marinha deve-lhes pois uma significativa quota-parte dos últimos 40 anos da sua História..."

"... Contudo, julgo que será também justo realçar que a Marinha vos terá dado alguma coisa em troca: provavelmente uma experiência humana de certo modo útil para as vossas carreiras profissionais, possivelmente um sentido de camaradagem pouco conhecido no meio civil, talvez até uma maior consciencialização sobre certos valores morais e sociais que integram os códigos de honra das instituições militares..."

Extracto da comunicação do Almirante Castanho Paes, Comandante da Escola Naval, por ocasião da Assembleia Geral da AORN, em Outubro de 1996

MILHAS PERCORRIDAS

No passado dia 26 de Outubro, realizou-se na Escola Naval a Assembleia Geral da AORN. A sessão de trabalho decorreu em boa ordem e foi vivamente participada pelos marujos presentes.

Relativamente à análise do processo de consolidação da Associação, assistimos a um amplo debate, onde a referência obrigatória foi a própria vocação da AORN.

Da troca de impressões havida, surgiram algumas sugestões de entre as quais se podem destacar:

– Que a AORN realize uma vez por ano uma reunião na Escola Naval;

– Que as reuniões, convívios ou almoços da AORN se realizem com um figurino temático;

Quanto aos valores fixados para a jóia e para a quota, ficou aprovado o seguinte:

Mesa da Assembleia Geral

Oferta da serigrafia da AORN ao Alm. Comandante da Escola Naval

– Jóia fixa de vinte mil escudos, com possibilidade de pagamento flexibilizado;

– Quota mensal de dois mil escudos, não actualizável em 1997 e 1998.

No que diz respeito ao último ponto da ordem de trabalhos, foi aprovada a proposta da Direcção:

– Constituem receitas próprias dos núcleos da Associação criados nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, os valores da jóia e 50% do valor das quotas pagas pelos respectivos associados, sendo os restantes 50% das receitas da

MARCO IMPORTANTE...

Em circunstâncias normais, o relato do dia ficaria por aqui e o Diário de Bordo es- tava em condições de se encerrar, mas o dia 26 de Outubro de 1996 não é um dia qualquer, mas antes um marco importante na vida da AORN, simbolizado por um acontecimento relevante para todos nós, que foi o regresso à Instituição onde começou a nossa vivência na Marinha.

Chegados à Escola Naval e após se constatar que o enjoo não havia provocado estragos nos viajantes da vedeta, indiciando excelente performance apesar da jarretice de alguns, sucederam-se os abraços, que em muitos casos traduziam emoções mal contidas pela alegria do encontro.

Nos pequenos grupos que se formaram no hall da Escola Naval, ouviam-se, de quando em vez, as frases tradicionais nes- te tipo de encontros:

– Estás na mesma!

– Estamos mais gordos!

– Estás mais careca que o meu tapete da entrada!

A Direcção foi recebida pelo Comandante da Escola Naval, Almirante Castanho Paes, circunstância que permitiu uma agradável troca de impressões e o verificar, mais uma vez, o apreço que nos têm e

O Clube Escolamizade recebido com toda a camaradagem

"...ao som de música para o refeitório"

o reconhecimento expresso pelo nosso contributo para o enriquecimento global da Armada.

CONFRATERNIZAÇÃO

Não esquecendo que fora na Escola Naval que haviamos começado a fomentar o espí- rito do botão de âncora e, como quem aprende não esquece, formámos na parada e, sob o comando do Alves da Rocha, marchámos ao som da música para o refeitório.

Não estava em causa a avaliação da ordem unida mas sim a emoção do regresso à Escola Naval, e a tradição continuou com um excelente almoço onde nem sequer faltou o bacalhau à Braz.

Na circunstância, escutámos as palavras que nos dirigiu o Almirante Castanho Paes e registámos as suas preocupações e an- gústias, face aos ventos pouco favoráveis que assolam a Armada.

Não ficámos indiferentes aos apelos que nos fez, pois mantemos o orgulho de, um dia, termos servido a Amada, instituição que nos soube acolher respeitando a nossa diferença.

Andrade Neves (1º CEORN), Abel de Oliveira (5º CEORN), Manuel Assunção (5º CEORN), Marques Antunes (3º CEORN)

Um privilégio
para 3000 membros
da AORN

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do Rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).

O MUSEU DA AORN

Em 14 de Julho de 1995, na Casa da Balança do Ministério da Marinha, nasceu a Associação dos Oficiais da Reserva Naval - AORN- - organização cujos estatutos, no seu artigo segundo, apontam entre outros objectivos, o de "desenvolver intervenção cultural e científica em especial no campo da história e artes náuticas, geografia, mate- mática, filosofia, música e artes plásticas.

A AORN é a materialização de um anseio amadurecido ao longo de vários anos, e embora de nascimento recente em termos estatutários, recolhe já a adesão de centenas de associados de um universo de mais de 3.000 oficiais milicianos que, desde 1958, iniciaram o seu serviço militar na Marinha de Guerra Portuguesa.

Como realçou o Presidente da Direcção desta Associação, Dr. Rodrigues Maximiano, no Boletim Informativo nº1, "fomos e somos parte integrante de um Povo e de uma Marinha e como Associação crescemos e queremos ser toda a Reserva Naval - - cumpriu-se o Mar, que se cumpra a AORN!"

Assim foi e está a ser entendido pelos altos Comandos da Armada ao disponibilizarem, para a nossa sede nacional, as instalações da antiga Fábrica Nacional da Cordoaria, na Junqueira.

A dignidade do edificio e a escolha que foi destinada à AORN, reflecte a importância que a Marinha de Guerra entendeu reconhecer a esta Associação, a que devotadamente muitos dos seus membros se têm dedicado em múltiplas tarefas já executadas.

Mal ficaria se, entre os objectivos estatutários, não fosse entendido como prioritária a formação de um Museu, cuja história, embora de começo em data relativamente próxima (1958), preenche um tempo que marcou profundamente quem o viveu, e deixou também indiscutível marca de valor na mais antiga instituição militar portuguesa.

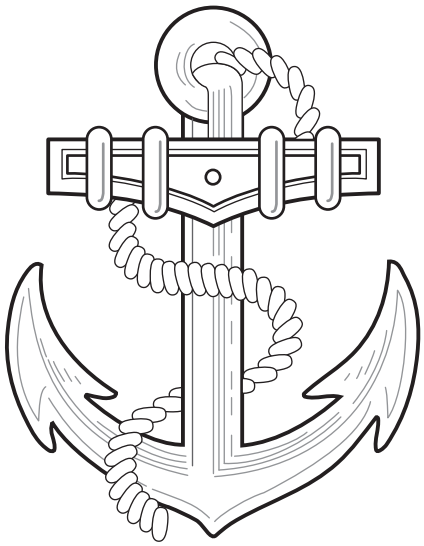
Embora o termo "museu" esteja associado à ideia de velharias, coisas abandonadas ou fora do tempo em que vivemos, o certo é que só as coisas recolhidas "hoje" poderão vir a ser relíquias no futuro.

Como museu, tem o valor que cada um dos seus membros soube dar à sua passa- gem pela Marinha de Guerra, e na valia que os documentos e os objectos recolhidos por cada um têm no conceito de história.

Indiscutível é o facto de ser, até pela proximidade do tempo, perfeitamente possível recolher objectos, documentos e elementos de registo fotográfico referentes aos pri- meiros alistados de 1958, permitindo que este projecto, ao contrário de outras iniciativas similares, se inicie exactamente com a exposição de dados referentes à fundação da instituição que se pretende historiar.

Não é um museu militar, no conceito tradicional do termo. Tem forçosamente peças de carácter militar e, por serem obtidos em períodos marcantes da nossa his- tória, na permanência de muitas centenas dos seus associados no que foi o Portugal Ultramarino, recolhe elementos que podemos considerar verdadeiras raridades.

Pretende ser, fundamentalmente, uma exposição ordenada e de critério lógico, de recordações de cerca de 40 anos da nossa história.



Nasce com a entrada de 20 cadetes no cumprimento do seu serviço militar na Marinha, apresenta as suas características e visões próprias e volta a entroncar na Marinha, de uma forma definitiva, com a adesão de muitos desses Reservistas navais, que hoje pertencem ao Quadro Permanente da Armada com patente próxima do acesso ao Almirantado.

Tem sido surpreendente a disponibilidade dos associados, permitindo a recolha constante de documentos e peças guardadas ao longo dos anos e passível de serem expostas a curto prazo.

Constitui fase do programa de lançamen- to deste Museu, a exposição temporária e itinerante de algum do seu espólio mais significativo, com passagem em locais de acesso público fácil, estando em marcha os contactos para que tal se concretize em locais cedidos por autarquias e outras instituições, ao longo de todo o território nacional.

Pensamos que este período, documentado e apresentado de forma digna e marcante, e dispondo de milhares de peças guardadas por mais de 3.000 ex-Oficiais da Reserva Naval, irá constituir um espaço de grande interesse que o Museu de Marinha poderá vir a considerar como parte integrante da sua própria existência.

Este Museu é o reflexo de épocas intensamente vividas em situações que, mesmo dentro da Marinha, não mais se repetirão na história nacional e que, se não forem agora reveladas, ficarão irremediavelmen- te no esquecimento.

Como se depreende desta descrição, não é tarefa menor a materialização deste projecto. Recolhidas as peças e os documentos, inicia-se a sua catalogação e, em alguns casos, a sua beneficiação.

A própria forma como este material é apresentado exige o nível máximo de qualidade e bom gosto, como garantia de exposição futura permanente.

O estudo económico que foi elaborado tem em consideração um número de iniciativas fundamentais para o lançamento de um museu, tendo a colaboração técnica de vários especialistas em áreas consideradas básicas.

Arquitectos, Técnicos de Decoração, Técnicos de Fotografia e de Informática, Gráficos, Modelistas, para além dos próprios intervenientes na história da Reserva Naval e pertencentes às várias classes - Marinha, Fuzileiros, Administração, Médicos, Engenheiros de Máquinas, Farmacêuticos, Engenheiros Construtores Navais, Técnicos Especialistas - têm sido ouvidos e deles se receberam importantes indicações e contributos para a instalação deste Museu.

Realce para o facto destes técnicos serem todos membros associados da AORN.

Também os cenários onde a actividade dos Oficiais da Reserva Naval se exerceu irão constituir um aspecto relevante por permitir, à escala correcta e através da ARTE MODELISTA, recriar de forma fiel a diversidade desses locais de acção.

Esta é a primeira informação que, através do Boletim, se faz aos associados da AORN e relativa ao Museu. Apela-se também para que contactem a Associação todos aqueles que possam e queiram dar o seu contributo, com o material que se enqua- dre e ajude a fazer a nossa história.

A Comissão Instaladora

A NÁUTICA DECISÃO

Outubro 1965 - 8º CFORN

A primeira decisão que tomei na vida, consciente, responsável e irreversível, foi "náutica"; não no sentido óbvio de meter água pela amurada mas numa perspectiva de escolha firme, aventureira e de rumo desconhecido mas simultaneamente sonhador; de algum modo inconformista representou também a evasão ao amplexo paternalista de uma educação para mim, ainda hoje, farol de navegação.

Integrado numa força naval de 4 navios da mesma classe, comandada por dois cruzadores pesados com um notável número de horas de navegação no oceano da vida, era difícil propor tácticas novas, rumos evasivos e as operações surpresa não surtiam qualquer efeito.

As exigências naturais do comando de não nos expormos ao inimigo, as instru- ções de navegação com ocultação de luzes, rumos bem definidos e quartos de leme obrigatórios, ateavam proporcionalmente o espírito de contestação próprio de quem, apesar dos riscos, não receava avistar e defrontar, ainda que imaginariamente, os perigos de uma rota deficientemente planeada e até, em alguns casos, acostar em alguns portos, pouco de acordo com a ordem de operações.

Os desvios de rumo custaram-me algumas idas para o livro, várias detenções, mas nunca qualquer despromoção; bem pelo contrário, descobri simultaneamente o encorajamento e até o apoio para aquisição de uma embarcação para iniciar a constituição da minha própria força naval; o conselho administrativo não dispunha de meios financeiros para grandes armadas.

Foi assim que, em Outubro de 1965 e após 23 anos ao serviço da mesma unidade, me foi passada guia de marcha para a Escola Naval, onde fui integrado numa nova unidade: o 8º CFORN.

Durante seis curtos meses sucedeu-se instrução, formação, camaradagem e esforço para bem servir e cumprir, algumas vezes com falta de combustível nas aulas e na formatura; missão levada a bom porto com auxílios à navegação fornecidos pelos instrutores que simulavam, em alguns casos, visibilidade reduzida!

Finalmente, em Abril de 1966, o culminar do curso com uma viagem de instrução em duas fragatas: NRP Diogo Cão e NRP Corte Real, baptismo de mar bem recebido, não sem que o estômago reclamasse violentamente estas fantasias marítimas, so- bretudo com um saboroso temporal nos Açores, de difícil digestão para aquele orgão dos cadetes; Cabo Verde e Madeira fizeram igualmente parte do menú marí- timo inaugural.

Seguiu-se, no tempo, o formal e protocolar juramento de bandeira e o quase imediato destacamento para as unidades destinadas aos oficiais oriundos daquele curso; receoso de ter de enfrentar um entediante lugar numa qualquer secretária e mantendo-se a perspectiva sonhadora do mar inscrevi-me, como muitos, para um navio operacional, preferencialmente nas ex--províncias ultramarinas, tendo sido destacado para a ex-Guiné como imediato do NRP ORION. A guarnição de 24 homens (Sargentos e Praças) um exemplo de solidariedade, competência e dedicação da Velha Escola! Missões mais que muitas, com 2500 horas de navegação, em missões de patrulha, de apoio, com ou sem destacamentos de fuzileiros embarcados e o itinerário repetitivo do Cacheu, Mansoa, Geba, Corubal, Cumbidjã e Cacine, mesmo com toda a carga negativa, não conseguiram retirar o encanto de vivência numa galáxia à parte, em que um fim de semana no arquipélago dos Bijagós, nomea- damente na Ilha João Vieira, completa- mente deserta, não necessitava de quaisquer promoções turísticas de uma agência de viagens.

Nas idas semestrais aos estaleiros navais de Cabo Verde, no Mindelo, perdoávamos placidamente as 36 horas de navegação, não mais que a tortura requintada do estômago para lá chegar, pelo bem que nos sabia o almejado repouso dos guerreiros.

Em Maio de 1968, o final do náutico sonho: regresso ao velho continente com permanência na Armada a pedido, uma passagem pontual pelo Grupo nº1 de Escolas da Armada e a escolha para desempenhar as funções de ajudante de ordens do Comandante Naval do Continente: o "temível" Almirante Ferrer Caeiro! Durante 2 anos a coabitação com um militar tão imprevisível quanto humano, embora de controverdo perfil. Histórias insólitas inesquecíveis, mistas de atletismo e humor militar com estrelas.

O licenciamento a pedido, no final de 1972, depois de dois anos como adjunto no Estado Maior da Armada, representou a última parte da náutica decisão: a cons- ciência ganha de que me encontrava em condições de definir, eu próprio, o rumo a seguir no que considero ser o mar mais encapelado e com maior número de ini- migos detectados: o dia a dia!

Manuel Lema Santos
ex-1º Tenente RN

Abril 1966 - NRP Corte Real
Viagem de Instrução

ORDEM DO DIA À AORN

O Comandante determina e manda publicar o seguinte:
Ao longo de vários anos, muitos oficiais RN viveram momentos marcantes das suas vidas no Comando de lanchas de fiscalização, alguns em zonas de inesquecível beleza e grandiosidade.

Independentemente da situação que a cada um coube em sorte e, sem retirar valor a outras colocações de camaradas, parece indiscutível que o posto de Comando de um navio é sempre a concretização de uma aspiração máxima para quem entra nestas "casas".

Não errarei, se disser que ficará sempre um vazio na vida de um oficial da classe de Marinha, se não lhe for dada a oportunidade de assumir o comando de uma Unidade a navegar.

Do Niassa ao Geba, do Quanza ao Zaire, do Sado ao Atlântico Algarvio, milhares de horas de navegação fizeram esses navios, alguns unicamente sob Comando de oficiais RN.

Contribuindo para o enriquecimento do historial da AORN, está em curso a recolha de elementos descritivos e fotográficos, aproveitando os trabalhos publicados na revista da Armada, no capítulo "NAVIOS DA NOSSA HISTÓRIA RECENTE" e a cuja Direcção se endereçam, desde já, os agradecimentos e as desculpas pelo "abuso" da cópia.

Ao fim e ao cabo, Revista da Armada e AORN, contribuem para manter viva a mesma história - a nossa.

No entanto, algo falta que documente, com maior rigor, os anos desses navios no activo.

Aqui fica o alvitre, para que o Estado Maior da Armada se sensibilize para a entrega à AORN dos DIÁRIOS NÁUTICOS que seja possível obter desses navios, documentos que muito valorizariam a nossa biblioteca museu.

O que esses DIÁRIOS têm escrito, não constitui já confidencialidade e, embora sendo património da Marinha de Guerra, parece- -nos lógica a sugestão já que, na sua grande maioria, foram escritos e assinados por oficiais RN.

Que eles ficarão bem guardados, serão estimados e orgulhosamente folheados, não temos dúvidas.

Assim se comovam os Altos Comandos e determinem a transferência solicitada.

Por mim, não determino mais nada!

José Augusto Pires de Lima
4º CEORN - 1961 (Nuno Tristão)

RECORDAÇÕES DO PASSADO

Estávamos cumprindo comissão de serviço em Angola e, na altura, fundeados no Lobito, quando fizémos parte dum pelotão que foi destacado para Nova Lisboa a fim de prestar guarda de honra ao Governador da Província de Benguela, que ali se deslocava para inaugurar a Exposição Distrital.

Para nós, que naquelas comissões apenas estávamos habituados a andar de Noqui a Porto Alexandre e volta, com paragem em tudo quanto era portos, baías ou "buracos na costa", e somente nos deslocávamos em escapadelas a Matadi para compras baratas ou à cidade do Cabo para pequenas reparações, foi gratificante aquela "visita ao mato", como eram apelidadas as deslocações ao interior da colónia. É que esta deslocação, que durou ainda alguns dias, deixou-nos recordações que o tempo não apa- ga, entre as quais uma, que tem por principal protagonista um soldado indígena, impecável no seu fardamento, casaco e calção de caqui castanho, grevas da mesma cor, boina encarnada tipo fêz e ... descalço.

A exposição, que ocupava alguns hectares de terreno, tinha armada uma frente monumental mas, de lado e ao fundo, era cercada por arame farpado e guarda de sentinelas da força indígena comandada por um cabo branco.

Certa noite, chegados ao portão principal da exposição acompanhado de outros camaradas, fomos cumprimentar o cabo de guar- da que fazia parte dum grupo a que deviamos favores de gentileza, pois não só estávamos aboletados nos seus aposentos, nas insta- lações do campo de aviação, como eles eram pródigos em que nada nos faltasse, ao ponto de mandarem os indígenas levarem-nos o "mata bicho", como chamavam ao pequeno almoço, à cama.

Como referiamos, fomos cumprimentar o cabo e, como é natural, oferecer uma bebida. Como também é natural, aquele amigo sabia duma quintanda onde havia bebida especial mas que, por azar, ficava por detrás da exposição. E era longa a caminhada por fora. Não há problema, diz o cabo, ciente da sua autoridade como comandante da guarda: vamos por dentro e passa-se o arame farpado.

Mas é que chegados lá, o sentinela foi decidido na sua maneira de agir: "**Não passa siô... foi orde de vancê...**". O cabo levou o caso para a chalaça e tentou forçar a passagem. Bastante alterado, depois de manejar a culatra e meter uma bala na câmara, o soldado diz-lhe: "**Mê cabo sarta e mi dá tiro**".

Ao ver que o problema estava a agudizar-se e, para apaziguar os ânimos, propusemos uma solução: sem efeito a bebida e voltá- mos para trás. E foi mesmo o que fizemos... Não fosse o Diabo tecê-las...

SEASA
Cabo auxiliar

Colaboração do C.P.A. (Clube de Praças da Armada)

RESPOSTA A UM CABO DA ARMADA

No número 2 do Boletim Informativo da AORN, vem publicado um artigo, assinado por um membro do Clube de Praças da Armada (CPA), de seu nome **SEASA** e com o posto de Cabo Auxiliar.

A dado passo, lamentando a fraca colaboração que poderá dar, diz **"A nossa bagagem, no que respeita ao intelecto, não é famosa e, actualmente só colaboramos no boletim do CPA, não nos aventurando a mais altos voos, porque a nossa idade, bastante avançada, já não raciocina a cem por cento e temos receio de "meter água" na colaboração em publicações de mais alta envergadura"!**

E mais adiante, **"Para os leitores do Boletim da AORN será preciso mais cuidado no que se diz. O nível subiu logo com o nome e os seus leitores só por desfastio aceitarão perder tempo a ler-nos."**

CABO SEASA, vou-te responder.

E começo por te dizer que considero o teu escrito superiormente inteligente.

Pelo objectivo atingido, longe de ser um mero ocupar de espaço como dizes no final, pela facilidade da exposição, pelo que se lê nas entrelinhas e pela camaradagem digo-te, muito sinceramente, que gostaria de te ter tido, ao longo dos meus sete anos de Reserva Naval, na "minha" guarnição.

E vou-te contar um episódio que talvez se tenha até passado contigo, se andaste embarcado nas fragatas, ao mesmo tempo do que eu.

Certa vez, em que por escala me calhou ser o Oficial de Dia à fragata "Diogo Cão", atracada na Base Naval de Lisboa já lá vai o ano de 1962, vieram informar-me que a formatura do pessoal de licença estava pronta para a revista, obrigatória, como sabes, para a saída.

Era Sargento de Dia um homem chamado Mário José Seramota, radarista, um caso de vocação e competência extraordinária para a especialidade, capaz de detectar um avião no radar antes de qualquer outro, calcular a velocidade e determinar o rumo deste, mais rápido do que demora a contar a história.

Um professor na matéria e um condutor de homens invulgar.

Éramos muito amigos e com ele tomei gosto pelos sofisticados (para aquela época) equipamentos existentes, na altura, no CIC de uma fragata. Também com ele cimentei o respeito e admiração pelos mais velhos, ainda que menos graduados.

Deus já o chamou, mas quem o conheceu não o esquece.

Ao chegar à popa do navio, onde o pessoal aguardava e, antes de iniciar a revista, dei esta ordem: - Cabos, fora da forma!

Destroçaram os Cabos e saíram de bordo sem revista.

O Sargento de Dia, porque não era da norma dispensar as praças da cerimónia da revista, muito menos num navio com uma guarnição de quase duzentos homens, perguntou-me, algum tem- po depois, qual a razão deste procedimento.

E sabes o que lhe respondi?

Simplesmente, que homens com mais de quarenta anos de idade, muitos com mais de vinte passados na Marinha, com milhares de horas de embarque, têm muito que ensinar aos novos, e não serei eu, tenha o posto que tiver, que irei verificar se vão ou não fardados de acordo com o regulamento. Eles sabem, por certo melhor do que eu, quais são as regras.

E digo-te mais, Cabo SEASA, que os Oficiais da Reserva Naval, agora "regressados" por força desta Associação que espero nave- gue "a vante toda a força", especialmente aqueles que viveram o espírito de guarnição de um navio, não esquecem as praças e o que com elas aprenderam.

Nomes como o Montijo, o Mendes, o Setúbal, o Graça, todos Artilheiros, o Pereira, o Leão, o Matos, o Martins, o Amador, Fogueiros, o Costa, Telegrafista, o Soares, Electricista, ou o Sá, Despenseiro, são Praças dos navios por onde andei, tão importantes como os Sargentos Afonso, Rolaça, Jacinto, Seramota, Coelho, Martins Lota, Machado ou Marreiros, e tantos outros que não cabem neste espaço, mas que continuam na minha memória passados mais de trinta anos.

Não te conheço pessoalmente, mas se é a idade que te faz escrever dessa forma, não deixes de o fazer, porque deves ser como o vinho do Porto - Quanto mais velho melhor!

Recebe um abraço e não leves a mal o tratamento por "tu", mas foi hábito que não esqueci e é prova de amizade e respeito que sempre recebi e retribuo às Praças da Armada.

José Augusto Pires de Lima
ex-2º Tenente RN

NOTÍCIAS

VINHO DA AORN

Está em fase final de estudo, o lançamento de vinhos da AORN - tintos e brancos - com rótulos alusivos à Reserva Naval.

Brevemente, será feita a divulgação deste tema com mais detalhes, decorrendo ainda negociações com um produtor de grande prestígio para garantia do fornecimento desejado.

Como se compreenderá, existindo a preocupação da qualidade e também da quantidade que possa satisfazer todos os interessados, não foi fácil encontrar quem cumprisse estas duas condições e, simultaneamente, mostrasse interesse num acordo com a AORN.

Pensamos que irá ser uma agradável surpresa para todos.

"PIN" DA AORN

Correspondendo a inúmeras sugestões para que fosse feito um PIN da AORN, podemos informar que o mesmo está em fase de execução. Brevemente será posto à disposição de todos os interessados.

O desenho é uma criação gráfica do nosso camarada Manuel Lema Santos (8º CEORN - 1965), realizado a partir do logotipo da associação.

BONS VELHOS TEMPOS

A falta de tempo ou a preguiça não permitiram que concretizasse, há mais tempo, o desejo de publicar a história que vos vou contar.

O falecimento do Almirante Bustorff Guerra, ocorrido no Natal passado, forneceu-me a motivação para não adiar por mais tem- po tal desejo. É a homenagem simples mas amiga, à memória de um homem com quem tive o privilégio de conviver.

Tive oportunidade de apreciar as suas extraordinárias qualidades e o seu inesquecível fino trato. A amizade entre o meu Pai e o Amirante Bustorff Guerra, trouxe- - me à evidência que meu Pai sabia esco- lher os AMIGOS.

Estamos na Guiné, em Janeiro de 1967. O NRP Pedro Nunes era comandado pelo então capitão-tenente Bustorff Guerra, fazendo parte da guarnição, entre outros, os 1os tenentes Mário Jorge Baptista Coelho, Isaías Gomes Teixeira, José Lourenço e o Jorge Mendes.

A minha amizade com o tenente Baptista Coelho vinha de longa data, enquanto que o conhecimento com os restantes oficiais mencionados só se havia travado na Guiné, onde cheguei em Junho de 1966, para comandar a LF Bellatrix. Acontece em certa altura, termos sido mandados dar apoio aos trabalhos de hidrografia que o navio Pedro Nunes realizava algures nas águas da Guiné.

Colocados os balões de sinalização brancos e pretos, lá fomos para o local indicado para fazermos de estação, dele regressando ao fim da tarde para acostar ao navio.

A gentileza do convite diário do Comandante Bustorff Guerra para jantar permi- tia-me apreciar as boas iguarias que o Rua (despenseiro) nos proporcionava. Certa noite, ao jantar, o Comandante Bustorff falava da dificuldade sentida na observa- ção da estação Bellatrix, devido à bruma que pairava na zona, concluindo pela razão que assistia para antigamente se pintarem os navios hidrográficos de bran- co. Esta mesma conversa repetiu-se por mais uma ou duas ocasiões.

Na manhã do dia 30 de Janeiro, na altura do controlo rádio das oito horas, e quando já nos encontravamos no ponto estação, o telegrafista informou que havia uma série de mensagens que envolviam a Bellatrix. Pensei que a guerra havia aquecido.

Para melhor se entender a trama, reproduzem-se as oito mensagens que fazem parte de um pequeno dossier que me foi oferecido pelos amigos do Pedro Nunes e, constitui peça importante do meu album de recordações.

Só quando a meio da tarde desse dia, a LFG Hidra sob o comando do 1º tenente Eurico Marques Pinto, tomou o nosso lugar na estação e nos colocaram a bordo um garrafão de 5 litros de vinho tinto e outro com 3,5 litros de vinho branco, me dei conta da brincadeira daqueles "malandros".

Como vinha sendo hábito, perto da hora de jantar, acostei ao Pedro Nunes, prepa- rado para mais um saudável convívio, desta vez com pinturas à mistura. Foi na realidade uma noite memorável, como po- dem imaginar.

Regressando a Bissau no fim do meu cruzeiro, apresentei-me no briefing habitual do fim da tarde, constatando que a sala estava cheia de oficiais, o que me levou a pensar que se haviam desenrolado operações importantes. Acabada a minha exposição, fui interpelado pelo sub-chefe do Estado Maior, capitão-tenente Pedro Azevedo Coutinho, insistindo comigo se não tinha mais nada a dizer.

Sentado perto do local das exposições orais estava o Comandante Sousa Guimarães que puxando os meus calções me perguntava: "Então, não houve mais nada?".

Nesta altura, o comodoro Ferrer Caeiro foi chamado ao telefone abandonando a sala do briefing, perante o ar desolado de alguns dos presentes. Percebi então que o cenário havia sido preparado para uma intervenção do comodoro Ferrer Caeiro que, por certo, seria acompanhada das habituais e amigas gargalhadas.

Mas como é que em Bissau se havia conhecido a história?

Ora era simples de adivinhar quem havia dado aos dentes, pois o então 2º tenente Aires da Silva que com os seus fuzileiros fazia a segurança na zona onde se estavam a realizar os trabalhos de hidrografia que nos haviam envolvido, tinha regressado a Bissau antes de mim.

Passados uns dias, durante uma recepção no "Pedro Nunes" os "malandros" ofereceram ao comodoro Ferrer Caeiro, cópia do dossier comprometedor e o resultado está mesmo a ver-se qual foi...

Se a história por si só tem imensa graça, ela reflecte um saudável ambiente de camaradagem que na época se vivia na Guiné entre os oficiais da Marinha.

Resta-me deixar uma palavra amiga de agradecimento aos "malandros" que permitiram que eu tivesse material para escrever este artigo.

É por estas e por outras que ainda hoje, volvidos que são trinta anos, mantenho o orgulho e a saudade de um dia ter pretencido à Armada.

Manuel Torres
(Manecas da Bellatrix)
(8º CFORN - 1965)

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ARMADA

Na Marinha, pelo Centro de Educação Física da Armada (CEFA) e por quase todas as Unidades em terra, passaram muitos Oficiais da Reserva Naval, nomeadamente professores de Educação Física, alguns deles com protagonismo actual na vida desportiva, académica e social. Muitos outros ingressaram nos quadros permanentes e constituem a quase totalidade dos Oficiais no activo que estão à frente dos Serviços que ministram esta disciplina nas diferentes Unidades em terra. Não é pois, despropositado, mas da mais elementar justiça, afirmar que a concepção e organização da Educação Física na Marinha actual é fundamentalmente fruto do investimento de muitos profissionais oriundos da Reserva Naval. A participação de todos estes elementos trouxe benefícios para a causa da Educação Física na Marinha. Para corroborar esta ideia, é oportuno referir que a razão pela qual não são conhecidos acidentes por excessos que algumas vezes temos ouvido falar em outros ramos das Forças Armadas, pode ficar a dever-se a três aspectos conjugados:

– À abertura que a Marinha teve aos conhecimentos emanados de Instituições exteriores no que concerne à formação em Educação Física, estabelecendo protocolos com o ex-Instituto Nacional de Educação Física, posteriormente Instituto Superior, para a especialização de Oficiais.

– À organização interna da instrução por "departamentos", cabendo a cada um, uma instrução específica ministrada por "especialistas".

– À solidez da formação dos especializados em Educação Física - Oficiais e Monitores - que, sem retirar a "dureza" que o treino físico militar tem de possuir, possibilita uma leitura atempada dos limites fisiológicos ao esforço.

Todavia a Educação Física na Marinha não se esgota na preparação física militar:

a conquista social dos tempos livres e a regulamentação do trabalho, com restrições cada vez maiores para o exercício de uma profissão pelos jovens são por um lado uma forma de protecção à criança e por outro um meio de defesa dos trabalhadores.

Todavia, se o aumento de tempo livre pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, paradoxalmente, tem também efeitos preversos: nas escolas o que preocupa os pais e professores é o que fazem os jovens quando não estão nas aulas! Paralelamente, face à conjugação de vários factores, o número de reforma- dos tem aumentado relativamente à população activa, assim como existe uma ten-dência para que a reforma seja alcançada mais cedo. Este facto também veio colocar novos problemas! Georges Friedman (1972), na sua obra "*O PODER E A SABEDORIA*" refere-se aos reformados da se-guinte forma:

"Os problemas do homem depois do trabalho, são muitas vezes comparáveis aos do homem privado do trabalho" porque "na civilização técnica o emprego, mesmo enfadonho, define o homem, dá-lhe uma razão para ser social". Contudo, actualmente, deixamos de exortar o trabalho como um meio redentor e de aprimoramento do carácter. Assim, o desporto e as actividades físico-desportivas, entendidas com aquelas que são orientadas para o culto do corpo e da sua funcionalidade, ganharam um lugar de destaque, quer atribuindo-se-lhes algumas virtudes que antes eram atributos do trabalho, quer pelo facto de constituirem uma ocupação capaz de combater *comportamentos desviantes*. São estas as principais razões que levam todas as instituições, Escolas, Clu- bes, Municípios, etc., a investirem no des- porto e em outras actividades de lazer, mobilizando milhares de cidadãos e contribuindo para que estas actividades te- nham passado de um período onde ti- nham pouca expressão como actividade organizada, para um período em que são consideradas com um serviço social de oferta obrigatória.

Neste quadro, não é de estranhar que a Marinha tenha sido permeável à influência da sociedade, nomeadamente através dos que nela cumpriram o Serviço Militar Obrigatório, e apoie a actividade física utilizando-a, não só como um meio de preparação militar, mas também como de inserção cultural dos militares e seus familiares. Assim, o CEFA pela sua acção ao longo da estruturação da Educação Física na Marinha é uma referência obrigatória, particularmente por dois motivos: o primeiro tem a ver com a formação de Monitores que ministram as aulas de Educação Física nas diferentes Unidades onde são colocados. Estes Monitores são sujeitos a uma formação de um ano lectivo, estando creditados por algumas Federações, atra- vés dum protocolo, como agentes de ensi- no desportivo. Foram realizados até à data trinta e cinco Cursos, tendo sido alguns deles frequentados por Oficiais, Sargentos e Praças da Marinha, Força Aérea e Polícia de Segurança Pública. Também a Guarda Fiscal e a Guarda Nacional Republicana enviaram elementos seus para frequentarem este Curso. O segundo diz respeito à dinamização, organização e apoio a dife- rentes actividades, quer para os militares, quer para os seus familiares.

Hoje em dia, apesar de haver sinais de alguma incompreensão e falta de sensibilidade para a importância da Educação Física como contributo para a saúde e bem-estar das populações, ela está estruturada de maneira a possibilitar a sua prática por toda a população militar. Existem testes para avaliar a condição física como meio de garantir a operacionalidade do pessoal, mas também de estimular a sua participação nas actividades. Uma outra preocupação é garantir a todos um conjunto de competências no meio aquático, usualmente designadas com "saber nadar", através da despistagem dos que estão ***inadaptados*** e conduzindo-os à frequência de um "*curso de adaptação ao meio aquático*", com uma duração de vinte e quatro aulas. Existe ainda outro "*curso*", com doze aulas, para os que estão ***insuficientemente adaptados***. A avaliação do "saber nadar" é realizada através dum conjunto de "*níveis de adaptação ao meio aquático*", possibilitando determinar como e quanto cada um "sabe nadar".

Estas e outras medidas têm contribuído para que as actividades físicas conquistem expressão como prática assumida no dia a dia com reflexos na saúde e bem-estar e constituam uma cultura específica, que usualmente se denomina com *cultura física*, com inegáveis repercussões sociais.

Como nota final, é oportuno salientar que as instituições reflectem a obra daqueles que nelas trabalham e trabalharam. Num momento em que as Forças Armadas estão sujeitas a uma redução do serviço militar obrigatório, este pequeno artigo de opinião deve ser entendido como um meio de lembrar os benefícios alcançados pela abertura e permeabilidade a valores sociais transpostos para dentro da institui- ção militar, sem a desvirtuar, mas antes enriquecendo-a, através do contributo de elementos que a integraram num determinado período da sua vida. Concerteza que outros grupos profissionais deixaram a sua marca nesta instituição que a todos nós marcou.

Cantarino de Carvalho
9º CFORN

SÓCIO DA AORN. Para Quê? e Porquê?

A tradição ainda é o que era! Apesar de só ter deixado a Marinha em finais de 1989 e por isso ter estado várias vezes na Escola Naval, após a minha entrada para o 25º CFORN, foi com alguma emoção que voltei a "formar" (ver foto da capa) na parada juntamente com ilustres camaradas de CEORN/CFORN'S bem distintos. Até o cheiro do auditório me pareceu o mesmo do tempo do ingresso na Escola Naval, há **apenas** 23 anos.

Foi bom rever o Sr. Almirante Castanho Paes, meu mestre na Escola Naval durante o 2º COF (Curso de Oficiais Fuzileiros), actual Director e pessoa que muito prezo.

Foi igualmente bom encontrar o Belchior, que tive o prazer de conhecer na UAMA (Unidade de Apoio de Meios Aquáticos), Escola de Fuzileiros e que me contou uma história da sua vida recente, verdadeiro exemplo de nobreza de carácter que assenta como uma luva num sócio da AORN.

Mas vamos ao tema deste artigo, **Sócio da AORN. Para Quê? e Porquê?**

Durante a última assembleia geral, que se realizou no passado dia 26 de Outubro de 1996, no auditório da Escola Naval, dissertou-se sobre este assunto.

Não me tendo pronunciado nessa altura para não prejudicar o andamento dos trabalhos, mas também porque foram feitas intervenções com as quais me identifico, aproveito esta tribuna para, após uma maior reflexão, o fazer agora .

Faço-o, não só por considerar que se devem encerrar estas questões mas sobretudo, porque foi durante estes encontros da AORN que conheci dois camaradas que já me habituei a respeitar e que, na circunstância, proferiram intervenções aparentemente divergentes ou até mesmo contraditórias.

Muitas serão, naturalmente, as perspectivas com que cada um encara a razão de ser sócio da AORN; no entanto permitam-me lembrar o artigo segundo dos estatutos que contém a resposta à questão, **Para Quê?**:

"A Associação tem por objectivos essenciais:

a) Salvaguardar, conservar e desenvolver os valores que sempre presidiram ao espírito de serviço, de camaradagem, de lealdade, de coragem, de sacrifício e de solidariedade dos Oficiais que prestaram serviço na Reserva Naval da Marinha de Guerra Portuguesa.

b) Promover a elevação das qualidades cívicas e culturais dos seus membros.

c) Defender os direitos dos associados, seus cônjuges, ascendentes e descendentes, no que respeita às responsabilidades do país perante consequências do estado de guerra em que este se viu envolvido até 1974, procurando que se ajustem à adequada integração social do associado ou à justa compensação dos seus ascendentes ou descendentes.

d) Promover e desenvolver laços de amizade e camaradagem, não só entre os associados, como com todos aqueles que tenham colaborado com a Reserva Naval ou com a Marinha de Guerra Portuguesa, bem como desenvolver relações de colaboração e entreajuda com outras associações Nacionais e Internacionais.

e) Desenvolver intervenção cultural e científica, em especial no campo da história e artes náuticas, geografia, matemática, filosofia, música, e artes plásticas.

f) Promover actividades culturais e desportivas, estas em especial relacionadas com o mar e orientadas para os descendentes dos associados."

Como não se estavam a discutir os estatutos e porque nestes se encontra a resposta, dá-se por encerrada esta questão.

Abordemos agora a segunda questão:

Porquê?

A AORN é, sem sombra de dúvida, uma associação muito peculiar e diferente de muitas outras, desde logo por resultar duma **circunstância singular**, o facto de termos servido Portugal na Armada (Que alguém faça a história "pré-Natal").

A propósito, devo lembrar que, a seu tempo, deveremos louvar a acção dos que estiveram na génese deste projecto, desde a ideia à sua concretização.

O que levará aquela singular circunstância a reunir em associação um conjunto de pessoas que, na sua maioria não se conhece e que, porventura, têm apenas em comum o facto atrás referido?

Com todo o respeito pelas opiniões de cada um e expressas na última reunião, julgo que não será certamente para beber uns copos. Para isso serão mais adequados os jantares de curso. Julgo igualmente que não é para defender interesses corporativos. Para isso existem as associações patronais, sindicais ou outras.

Assim sendo penso que estará na singular circunstância a chave para pelo menos uma boa parte da resposta. Então, o que encerrará tão singular circunstância?

Na minha opinião, o facto de termos servido na Armada pressupõe desde logo estarmos imbuídos do espírito e dos valores expressos e em destaque no § a) do artigo segundo e aos quais tomo a liberdade de acrescentar o respeito pelo ser humano (na Armada as pessoas sempre foram tratadas pelo nome).

Tais valores em pessoas que a Armada soube escolher de entre os melhores só podem reunir gente capaz de aproveitar as potencialidades de cada um na construção dum grupo forte (AORN), saudavelmente heterogéneo, quer em termos de interesses profissionais, quer em termos de formação académica, quer mesmo na sua forma de ser e de pensar, mas que terá capacidade para alcançar objectivos, dignos dos seus membros e bem expressos nos estatutos.

É neste contexto que vislumbro interesse nesta associação e razão porque não me envolvi, na última reunião, na discussão da jóia e da quota, já que considero questões menores ante os objectivos a que nos propusémos e pelas razões que gostaria de lembrar:

1) Defendi, a seu tempo, valores para jóia e quota de acordo com a proposta anterior da actual direcção.
2) Aceitei que, por razões económicas, os valores da jóia pudessem variar.
3) Não acredito que alguém que tenha entrado com maior valor de jóia se arrogue de direitos diferentes.
4) A flexibilidade da jóia visava apenas não inviabilizar a entrada para sócio de quem quer que fosse por razões económicas.
5) É claro, para mim, que teremos que ser nós a construir a associação que queremos e soubermos.

Durante a discussão desta temática, em reuniões anteriores, cheguei a ouvir apelidar a associação de elitista por se ter falado em valores de jóia e quota considerados elevados. Não creio que tal tenha passado pela cabeça de alguém, muito menos pela daqueles que defenderam esses valores "elevados". Defendeu-se, isso sim e se não se defendeu defendo eu, que pertençamos a uma elite de gente de princípios, de valores, de gente inteligente e capaz de levar este projecto por diante.

É tempo de acabarmos com as "*subsidio-dependências*" isto é, é tempo de darmos corpo à ideia de que é possível construir algo usando a capacidade e determinação de cada um sem que, obviamente, sejamos "*anjinhos*" e muito menos "*igualzinhos*".

Julgo, por tudo isto, que antes de esperarmos algo da associação devemos perguntar o que cada um de nós pode dar à associação e pensar quão interessante é podermos fazer boas e novas amizades, fora das nossas relações profissionais diárias, tão importantes para o equilibrio mental nesta sociedade e neste fim de século. E aos amigos não se pede, ... dá-se.
Portanto, é evidente que desta associação se pode esperar muito. Por isso, ajudemos todos a construir a AORN com o contri- buto que cada um pode dar.
Que maior interesse ou razão para pertencer à AORN do que sabermos pertencer a um grupo tão heterogéneo quão interessante e que tem no seu seio tantos e tão ilustres personagens? (passe a imodéstia do bocadinho que me toca.)
E se estes argumentos não são suficientes então não te inscrevas como sócio, ... aparece. Um abraço.

J. Moreira, 25º CFORN.

MAIS UM PRIVILÉGIO AORN

COLABORAÇÃO E COOPERAÇÃO, ASSISTÊNCIA NO HOSPITAL DA MARINHA AOS MEMBROS DA AORN E FAMILIARES

(Transcrição do ofício do Hospital da Marinha assinado pelo seu Director CMG MN José Albino da Costa Rebelo)

AO
EXMO. SENHOR
PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

Tenho a satisfação de informar V. Exa. que o pedido expresso dos associados da AORN poderem vir a utilizar os Serviços Clínicos e meios auxiliares de diagnóstico do Hospital da Marinha, conforme a sua capacidade sobrante, depois da quase imediata anuência da Direcção deste, mereceram igualmente a concordância superior.

Assim sendo, em anexo seguem as valências clínicas utilizáveis do Hospital da Marinha.

As tabelas de honorários a aplicar são as constantes do Despacho nº 115/MDN/92 de 20 de Outubro (publicado no D.R. nº 242 de 20 de Outubro de 1992 II série), com uma redução de 25% para os casos de internamento e intervenções cirúrgicas, regime igual ao dos familiares de linha directa dos militares da Marinha, não beneficiários da ADMA, actualizada pelo Despacho 220 MDN 95 de 28 de Setembro.

...

Com os melhores cumprimentos,

HOSPITAL DA MARINHA, Lisboa, 7 de Fevereiro de 1997

O DIRECTOR,
a) Assinatura
CMG MN

Em complemento deste texto a AORN informa que o respectivo protocolo é assinado em 10 de Abril de 1997.

A AORN NA ESCOLA NAVAL

Antes de iniciarem os trabalhos desta assembleia geral, não queria deixar de, em nome da Esco- la Naval, vos dar formalmente as boas-vindas a esta vossa casa, cujas raízes centenárias nunca é demais lembrar.

E digo vossa casa, porque foi efectivamente aqui que a grande maioria de vós recebeu a formação militar-naval básica e uma parte da formação técnico-naval necessárias ao desempenho das funções que lhes foram cometidas ao longo do período em que, servindo a Marinha, serviram o País.

Julgo que a Marinha, de uma forma geral, sempre teve a consciência do valor do vosso contributo para a sua missão. A bordo ou em terra, em Portugal continental ou insular ou no ex-Ultramar, nos organismos técnicos ou nos fuzileiros, no Estado-Maior ou nos gabinetes dos vários comandos, direcções e chefias da Armada, cerca de 3000 oficiais da Reserva Naval dedicaram uma parte da sua vida à nossa briosa corporação, pondo generosamente ao seu serviço as capacidades que cada um tinha em função da sua área e nível de formação académica.

A Marinha deve-lhes pois uma significativa quota-parte dos últimos 40 anos de História. É, portanto, por dever minímo de justo reconhecimento que ela certamente incentiva e acarinha o crescimento da vossa Associação.

Contudo, julgo que será também justo realçar que a Marinha vos terá dado alguma coisa em troca: provavelmente uma experiência humana de certo modo útil para as vossas carreiras profissionais, possivelmente um sentido de camaradagemm pouco conhecido no meio civil, talvez até uma maior consciencialização sobre certos valores morais e sociais que integram os códigos de honra das instituições militares.

Pessoalmente, tive ao longo da minha vi- da profissional excelentes contactos com muitos camaradas da Reserva Naval. Desde os contactos esporádicos havidos com os cursos contemporâneos dos meus tem- pos de cadete (1959 a 1962), às comissões que fiz no Destacamento nº10 de Fuzileiros Especiais na Guiné, ou a bordo do Draga-Minas "Ribeira Grande" e do Navio- -Patrulha "Cuanza", unidades onde tive 4 oficiais da Reserva Naval sob o meu comando, passando pelas mais de 4 centenas de cadetes RN dos quais, entre 1967 e 70, fui comandante de companhia em acumulação com o exercício de funções docentes nesta Escola, e chegando por fim aos tempos mais recentes, quando, por exemplo, constatei existirem 6 ex-oficiais RN integrados no nosso actual corpo docente, ou ainda, a nível familiar, quando tive o gosto de ver o meu filho prestar um ano de serviço no Estado-Maior da Armada após a frequência do 67º CFORN, todos constituíram na verdade testemu- nhos pessoais de que guardo boas recordações e que bem ilustram a expressiva inserção do corpo de oficiais da Reserva Naval na vida da Marinha ao longo de cerca de quatro décadas.

E agora o que pode a Marinha esperar de vós?

Com a permissão de V. Exª., Sr. Presidente da Assembleia Geral, passaria a citar palavras suas extraídas do Editorial do último Boletim Informativo da AORN (Out/96):

"... A AORN poderá / deverá constituir um interface, de alguma relevância, entre as Forças Armadas, especialmente a Marinha de Guerra, e a Sociedade Civil. Obviamente não é uma responsabilidade estatutária; mas, nos tempos difíceis que as sociedades europeias estão a viver (e viverão num futuro previsível) é importante termos consciência da necessidade acrescida (porventura, crescente) de aperfeiçoar a articulação entre a componente militar e o conjunto dos cidadãos;

... finalmente, o mais importante a tomar em consideração: a AORN ficará reforçada e reafirmada na sua razão de ser ao buscar formas concretas de, na sequência da tradição naval multi-secular, colaborar em novas formas de projecção, para o futuro, da presença de Portugal no mundo."

Na verdade, estas palavras resumem de forma sábia o que, de mais nobre, a Marinha pode esperar da vossa associação.

Para finalizar, gostaria de vos dizer que a Escola Naval, embora sendo uma das unidades de 1ª prioridade no conjunto das prioridades superiormente estabelecidas pelo Almirante CEMA, tem algumas carências de difícil solução no actual quadro orçamental extremamente restritivo.

Algumas dessas carências têm sido atenuadas através de determinadas ofertas de instituições públicas e privadas, designadamente com o apadrinhamento de oficiais na Reserva ou Reforma e de ex- -oficiais da Reserva Naval em posições de destaque nos meios financeiros e empresariais, como foi por exemplo o caso de um vosso ilustre consócio aqui presente, a quem me permito reiterar os nossos agradecimentos.

Também no decurso de certas visitas de estudo e exercícios no exterior, a Escola Naval tem tido por vezes a sorte de encontrar, à frente de empresas ou de determinados serviços públicos, ex-oficiais RN que sempre nos têm recebido com excepcional empenho e franca cordialidade. Mais uma vez tenho de expressar o nosso muito obrigado pelo carinho e amizade claramente demonstrados por esses consócios em relação aos nossos oficiais e alunos.

Uma outra questão que, aproveitando esta oportunidade, gostaria ainda de submeter à vossa apreciação, na qualidade de Presidente da Assembleia Geral do CNOCA, era a da possibilidade do estabelecimento de um protocolo entre a AORN e o CNOCA com vista a incentivar e desenvolver a prática desportiva entre os seus associados e familiares, especialmente dos desportos náuticos, em moldes a estudar. Julgo que esta constitui uma proposta de interesse mútuo, sobre a qual necessitaria de obter o vosso parecer, a fim de a submeter também à apreciação dos nossos sócios na próxima assembleia geral do CNOCA.

Não vos tomando mais tempo, espero que se sintam bem na Escola Naval, que tem hoje a grande honra de vos receber como tem recebido todos os seus filhos, e faço votos para que esta assembleia produza resultados que venham ao encontro dos desejos de todos e que estes momentos de convívio vos tragam boas e gratas recordações.

Bem hajam pela vossa presença.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Foto Estúdio Reicar

COLABORAÇÃO NO ÂMBITO DA C.P.L.P.

O nosso camarada, Dr. Manuel Azevedo, médico ortopedista, empenhado na divulgação da Associação de Fixação Externa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, enviou o artigo que adiante se publica, agradecendo a atenção dos colegas da AORN para o mesmo.

Breve abordagem histórica:

" É assumido que uma vez atingido o fim do crescimento, nunca mais o osso cresce."

O método de fixação externa ou de Ilizarov, baseia-se na capacidade regenerativa do osso humano.

Esta descoberta ocorre fortuitamente quando um doente por distracção rodou as porcas de fixação do seu fixador a descomprimir em vez de comprimir. E quando aparece vem com a perna maior em relação à oposta. Efectuado o Rx demonstra-se a formação do osso novo.

O conhecimento desta Metedologia no Ocidente ocorre em Junho de 1981 no XXII Meeting AO Italiano, quando o Prof. Ilizarov apresenta um grandioso conjunto de casos clínicos, que "esmagaram e espantaram" os Colegas presentes, dada a sua complexidade, dificuldade e irresolubilidade com a nossa abordagem.

A ligação entre o Instituto de Kurgan e os Colegas Italianos, efectua-se através do jornalista e explorador italiano Carlo Mauri. Este era portador, desde há alguns anos, duma pseudartrose infectada dos ossos da perna e, numa sua viagem à Sibéria, toma conhecimento da existência do Prof. Gavriil Abramovich Ilizarov e do seu Instituto.

Fotografa a sua operação e aparece ao seu Médico curado e é, deste modo simples, que o Ocidente toma conhecimento de algo que já se faz desde 1951 naquele Instituto.

Esta Metodologia levou ao encontro dos Ortopedistas de todo o mundo em torno do Instituto em Kurgan e à consciência da necessidade do nosso contacto para um melhor tratamento dos nossos doentes, visto irmo-nos dedicar aos casos antes abandonados por falta de capacidade de resolução pela arte médica.

Durante o ano de 96 desenvolvem-se as diligências para a criação duma Associação dos Ortopedistas que falam o português.

Assim, no dia 13/10/1996, na Biblioteca Municipal criou-se a Associação de Fixação Externa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Esta Associação, tem como Membros os Ortopedistas de Língua Portuguesa que trabalham nos Países constituintes da Comunidade.

É uma Associação sem fins lucrativos e tem por objectivos contribuir:

1- para o intercâmbio de experiências entre os Colegas

2- para o apoio científico e de instituições aos Colegas e ou as instituições onde trabalham

3- para o estudo e desenvolvimento das técnicas de fixação externa no geral e do Método de Ilizarov em particular.

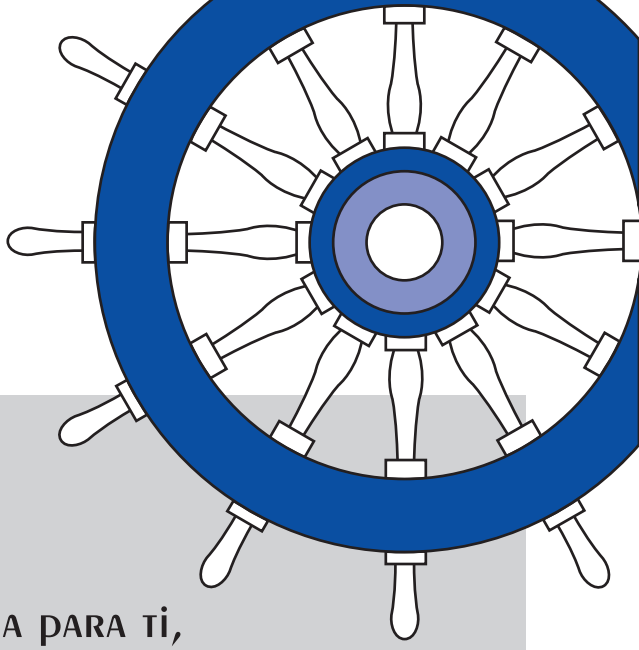
Foram sócios fundadores da Sociedade os Dr.ˢ Manuel Azevedo - Portugal - Presidente, José Carlos Bongiovani - Brasil, Vice-Presidente, Carlos Vieira - Cabo Verde - Vice-Presidente, António Marques - S. Tomé - Vice-Presidente, João Vicente - Angola - Vice-Presidente, Ernesto - Guiné - - Vice-Presidente, João Nóvoa - Moçambique - Vice-Presidente.

Para terminar, solicita-se aos Camaradas Ortopedistas da AORN bem como a todos os que durante a sua vida na Marinha estiveram num País Africano de Língua Portuguesa, a divulgação desta Associação e o contacto pessoal.

Contacto: Dr. Manuel Azevedo
R. Sidónio Pais, 32-7º
4470 Nogueira - Maia
Telef. (fax): (02) 948 39 87

Manuel Azevedo
Médico RN

SE...



SE tiveres caixa de correio,

SE tiveres chave para a abrir,

SE encontrares nela correspondência para ti,

SE tiveres oportunidade para a ler,

SE vislumbrares algo que te diga respeito,

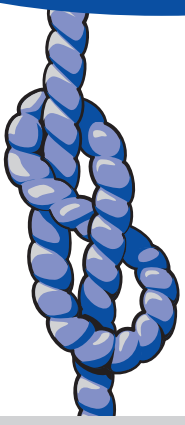
SE descobrires motivo para avivar o sentimento da saudade,

SE na saudade encontrares estímulos,

SE os estímulos te levarem ao encontro de outros saudosistas,

SE tiveres vinte mocas para a jóia,

Então, Meu Filho!



Preenche os impressos,
Faz-te sócio,
Junta-te à AORN

E serás finalmente...

Um Homem!!!

Rudyard Kipling (Filho)*
* Filho da Escola RN